

Tradução

Autor: Graham Greene

Título: O Inocente

Gênero: Conto

* Rodrigo Maroja Barata.

Foi um erro, lá, ter levado Lola, soube disso no momento em que descemos do trem na pequena estação campestre. Naquela noite de outono que me lembrava mais da infância que qualquer outra noite do ano. A face brilhante de Lola, na pequena bagagem que arduamente fingia conter nossas "coisas" para a noite, simplesmente não se harmonizava com o velho armazém de fibra defronte do pequeno canal, as poucas luzes no morro, os cartazes de um velho filme. Mas ela disse, "vamos ao campo", e o bispo Hendron foi, claro, o primeiro nome que me veio à cabeça. Ninguém deveria me conhecer lá agora, e não me ocorreu, com isto, que seria eu quem lembraria.

O velho cabineiro tocou a sineta. Eu disse: - "Terá transporte na chegada", e lá estava, então de primeiro eu não notei, somente vendo os dois táxis pensei: - "O velho lugar está chegando". Estava muito escuro e a fina névoa de outono, o cheiro das folhas molhadas e o canal me eram profundamente familiares.

Lola disse: - "Mas por que você escolheu este lugar? É tão sinistro. "Não havia explicação para ela porque aquele lugar não era sinistro para mim, aquela pilha de areia pelo canal sempre esteve ali (quando eu tinha três anos pensava que aquilo era o que para as outras pessoas significava o litoral). Peguei a bagagem (tenho dito que ali era alegre; era simplesmente um passaporte forjado de respeitabilidade) e disse para caminharmos. Nós subimos a pequena ponte curva e passamos pelo asilo da caridade. Quando eu tinha cinco anos vi um homem de meia-idade cometer suicídio num desses asilos; ele carregava uma faca e todos os vizinhos perseguiram-no escada acima. Ela disse: "Eu nunca pensei que o campo fosse assim". Eram feitos de asilo e caridade, pequenos cubículos cinza, mas eu os conhecia como nada mais. Toda aquela

caminhada era como ouvir música.

Mas eu tinha de dizer algo a Lola. Não era culpa dela não fazer parte daquele contexto. Nós passamos pela escola, pela Igreja, e visitamos a velha e espaçosa Higt Street e me veio a sensação dos doze primeiros anos da vida. Se eu não tivesse vindo, nunca saberia tão vívida essa sensação em mim, porque aqueles anos não foram particularmente felizes ou miseráveis: foram anos comuns, mas agora com o odor da lenha queimada, do frio surgindo da escura umidade do pavimento de pedras, pensei saber o que me prendia. Era o cheiro da inocência.

Eu disse a Lola, - "é tudo muito hospitaleiro, não haverá nada demais, você verá, que nos mantenha excitados. Teremos jantar, bebida e iremos para a cama". Mas o pior de tudo era que eu não podia evitar o desejo de ali estar só. Não poderia fazer voltarem aqueles anos; não tinha me dado conta do quanto eu lembrava daquilo tudo. Algumas coisas eu tinha esquecido de verdade, como a pilha de areia, e que me vinham com um efeito doentio e nostálgico. Eu poderia ter estado muito feliz naquela noite melancólica, percorrendo o outonal caminho da pequena vila, cavando indícios daqueles anos da vida quando, por mais miseráveis que fôssemos, tínhamos esperanças.

Não seria o mesmo se ali eu voltasse novamente, para então ali restarem somente lembranças de Lola, e Lola não representava absolutamente mais nada.

Nós tínhamos tido a sorte de termos nos encontrado num bar um dia antes e gostado um do outro. Lola estava perfeita, não havia ninguém no bar com quem eu preferisse passar a noite além dela; mas ela não concordava com esse tipo de recordação. Nós deveríamos ter ido a Maidenhead. Um lugar no campo também.

A hospedaria não estava mais como nas minhas lembranças. Havia o Town Hall, mas eles construíram

um novo cinema com uma cúpula moura e um Café, e ali, uma garagem que não existia no meu tempo. Eu também tinha esquecido a curva para a esquerda que subia o morro do vilarejo.

- Eu não lembro daquela estrada existir no meu tempo eu disse.

- Seu tempo? Lola perguntou.

- Eu não lhe contei? Eu nasci aqui.

- Você deve estar se divertindo me trazendo aqui Lola disse - Suponho que você costumava pensar em noites como esta quando você era garoto.

- Sim eu disse, porque não era culpa dela. Ela estava perfeita. Eu gostava do seu aroma. ela usava uma bela tonalidade de batom. Isto tudo estava me custando caro, cinco dólares para Lola e depois todas as notas e passagens e bebidas, mas teria imaginado esse dinheiro melhor gastado em qualquer outra parte do mundo.

Retardei-me naquela estrada. Alguma coisa se agitava em minha mente, mas não conseguia lembrar o quê, se um grupo de crianças não tivesse descido o morro justamente naquele momento, iluminado pelo poste na noite fria, com vozes agudas e estridentes, sua respiração esfumada quando iluminada pelos postes. Carregavam mochilas de linho, e algumas delas adornadas com iniciais. Em sua pequena timidez, eles usavam suas melhores roupas. As garotas menores conservavam-se num tipo de grupo compacto, assediado grupo; de repente me veio uma lembrança de fitas de cabelos, sapatos brilhosos e de um grave tilintar de piano. Eles voltavam da aula de dança, como eu costumava ir, na pequena casa dos rododendros, no quarteirão a meio caminho do morro. Mais do que nunca desejei que Lola não estivesse comigo, menos que nada ela compreendeu, pensei, "alguma coisa se perdeu do quadro", então uma dor insensível se inflamou em minha mente.

Subi o morro. As primeiras casas eram todas novas. Indignei-me com elas. Ocultavam morros e pontes que por força queria lembrar. Era como um mapa que ao se molhar no bolso havia sido apagado. Quando você o abrisse, haveria então somente manchas. Porém a meio caminho dali, estava a casa dos rododendros;, talvez a mesma velha senhora dando lições de dança. Crianças de várias idades. Ela não deveria ter, naquele tempo, mais de trinta e cinco anos. Pude ouvir o piano. Ela seguia a mesma rotina. Crianças de menos de oito anos das 18 às 19 horas. Crianças acima de oito anos das 19 às 20 horas. Abri

o portão e entrei. Eu estava somente tentando me lembrar.

Eu não sei o que trouxe esta lembrança de volta. Penso que era simplesmente o outono, as molhadas folhas opacas, mais do que o piano tocado em diferentes notas daqueles dias. Lembrava da menina tão bem como alguém lembra de outra pessoa sem precisar de uma fotografia como referência. Ela tinha um ano mais do que eu na época: oito anos. Eu a amei com uma intensidade nunca por mim sentida, creio, por ninguém.

Ao menos eu nunca cometi o erro de rir dos amores infantis. Isto causava uma terrível e inevitável separação por insatisfação. Claro, alguns inventavam histórias de casas que pegavam fogo, de guerras e de desesperada responsabilidade que provava coragem nos olhos, mas nunca histórias de casamento. Sabia-se sem precisar ser dito que isto não poderia acontecer, mas ter a sabedoria não significava menor sofrimento. Eu lembrava de todos os jogos de cabra-cega nas festas de aniversário quando em vão esperava apanhá-la, então teria a desculpa de tocá-la e abraçá-la, mas eu nunca a apanhei; ela sempre saía do meu caminho.

Mais uma vez por ano, durante dois eventos eu tive a minha chance; dancei com ela. Isto somente piorou tudo (foi cortando o nosso único contato) quando ela me disse durante uma das últimas aulas de inverno que no outro ano iria ingressar na turma dos mais velhos. Ela gostava de mim também, eu sabia disso, mas não tínhamos como expressá-lo. Eu costumava ir ao seu aniversário e ela vinha aos meus, mas nunca voltávamos juntos para casa depois das aulas de dança. Poderia parecer estranho; não creio que isto nos tenha ocorrido. Tive então de me unir aos meus tempestuosos, implicante e viris companheiros, e ela ao assediado, apressado estridente e indignado sexo no caminho morro abaixo.

Estremeci na neblina e virei para cima o colarinho do casaco. O piano estava tocando uma dança para a velha revista C.B. Cochran. Parecia-me uma longa jornada até aqui para no fim encontrar somente Lola. Havia algo na inocência que de fato nunca abandonaria. Agora quando estou triste por uma garota, posso simplesmente ir e apagar por outra. Nessa época então, o melhor que pude pensar foi em escrever alguma apaixonada mensagem e entrar de mansinho numa falha (foi extraordinário como comecei a recordar de tudo) do portão de madeira.

Uma vez falei a ela sobre a falha, e cedo ou tarde estava certo de que ela vasculharia e acharia a mensagem. A qual não foi capaz de expressar tudo, pensei, naqueles dias; mas por causa da expressão ser inadequada, não significava que a dor fosse mais superficial do que a que frequentemente sofria agora. Lembrei como por dias acabaram. Provavelmente por volta do próximo inverno eu já tivesse esquecido.

Como fui até o portão, olhei para certificar-me se a falha ainda existia. Estava lá. Pus meus dedos e, num seguro abrigo das estações e dos anos, um pedaço de papel restava ainda. Arranquei e o abri. Então acendi um fósforo, um pequenino brilho de calor na névoa e no escuro. Foi um choque ver através da diminuta flama um desenho de cruel obscenidade. Não havia erro; ali estavam minhas imaturas iniciais, imprecioso esboço de um homem e uma mulher. Isto despertou menos lembranças que o bafo de respiração sob a luz dos postes, as mochilas de linho, as úmidas folhas ou as pilhas de areia. Não reconheci o desenho; deve ter sido delineado pela mente suja de um estranho na parede de um banheiro. Tudo o que eu poderia lembrar, era a pureza, a intensidade, a dor daquela paixão.

Senti-me pela primeira vez como que traído. "Afim", disse a mim mesmo, "Lola não está tão fora do contexto". Porém mais tarde, naquela noite, quando Lola se virou e caiu adormecida, comecei a me dar conta da profunda inocência daquele esboço. Acreditei ter delineado algo com significado único e belo; somente agora depois de trinta anos de vida é que aquela mensagem pareceu-me obscena.

(1937) GRAHAM GREENE

BREVE HISTÓRICO DO AUTOR.

Graham Greene nasceu em Berkhamstead, Hertfordshire, em 2 de outubro de 1904. Teve sua educação no Hertfordshire School onde seu pai fora diretor e no Balliol college, em Oxford.

- Trabalhou 4 anos para jornais, especialmente o London Times, onde publicou em 1929 sua primeira novela *The man within*. Manteve seus interesses dedicados ao jornalismo e escreveu críticas de cinema.

- Trabalhou para a Inglaterra no oeste da África entre 1941 e 1946.

Obras:

Brighton Rock (1938).
The power and the glory (1940).
The heart of the matter (1948).
A burnt-out case (1961).

Short stories:

The living room (1953).
The potting shed (1957).
The complaisant lover (1959).
The pleasure dome (1972).
An impossible woman: the memories of
Dottressa Moor of Capri (1975).
The human factor (1978).
Doctor Fischer of Geneva or the bomb party
(1980).

- A sort of life (1971).

- Ways of escape (1980). autobiografias.

* Aluno do Curso de Letras da
UNAMA, Professor de Redação e Literatura do Colégio
Moderno e autor de Literatura Infanto-Juvenil.



Waldemar, numa foto em 1988.

Pássaro Desconhecido

Certo amigo meu, apaixonado colecionador de pássaros sonoros, tanto que possuía, às dúzias, canários, rouxinóis, meiros, sabiás, cambaxirras, tangarás e graunas, ficou-se, uma manhã, perplexo, nas matas do Utinga, ao escutar pela primeira vez um curió. E exclamou:

- Nunca me falaram de possuímos um cantor de penas tão perfeito, ainda com a vantagem de ser da gente, sem o prestígio que emprestam aos outros, a fama e o preconceito.

Pois bem! *Waldemar Henrique* é o nosso curió humano. Louvamos, enaltecemos, afora mil estrangeiros, tantos sulinos de nomeada: Joubert, Haeckel, Tupinambá, Luiz Abreu, etc. Compramo-lhes os discos, contamo-lhes as trovas, e, sempre que a oportunidade se nos oferece, lá despejamos, sobre os seus nomes, catadupas de adjetivos entusiastas. Certo, o merecem em grande parte; mas, também, em grande parte...

E quase que ignoramos, desconhecemos o valor desse moço de grandes óculos e grande sorriso, recolhido à sua modéstia como pérola em suas valvas.

Waldemar Henrique dominou a música leve, apanhou o segredo das harmonias ligeiras que passam pela nossa alma como uma carícia, deixando nelas o eco da saudade. Compôs com inaudita facilidade. Tenho mesmo a impressão de que lhe basta correr os dedos pelo teclado para que o motivo procurado cresça, e se desenvolva, espontâneo, justa tradução em sons do seu pensamento. Sobre o joelho, improvisando o assobio, ele escreveu a maior parte da partitura de uma peça minha, para versos já feitos, sem que eu lhe explicasse como queria, produzindo sempre melhor que eu desejava.

É, sobretudo, melodioso. Seus ritmos, quaisquer que sejam os gêneros, se desdobram sem dissonância, sem nenhuma abrupta combinação de notas, livre de transportes forçados.

Não executam os jazzs, as vitrolas não o vulgarizam, as editoras de músicas não lhe fazem proposta. Santo de casa...

Só o *broadesting* paraense lhe veicula as canções encantadoras.

Muito pouco, para quem merece tanto.

Agora, porém, a pérola, saída: enfim, da concha da sua timidez, vai exhibir-se na montra de um palco.

Waldemar vai dar recital.

A noite de 15 de agosto há de ser, por força, com a justiça de Deus vencendo a injustiça dos homens, a noite de uma revelação maravilhosa. Não estarei lá para assisti-la, mas, daqui do meu claustro, hei de vibrar como conterrâneo, como artista e como amigo, na glória, na vitória desse eleito.

Crônica de Antônio Tavernard, escrita em 1933.